

Resistência e transgressão em "Os Selvagens da Terra", de Nélide Piñon

Resistance and transgression in
"Os Selvagens da Terra," by Nélide Piñon

Dileane Fagundes de Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria

Vera Lucia Lenz Vianna da Silva

Universidade Federal de Santa Maria

DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148537516>

Resumo: O presente estudo busca problematizar a posição da mulher e o efeito de sua opressão no patriarcado através da representação das práticas sociais da personagem de Piñon, no conto "Os selvagens da terra", do livro *O tempo das frutas*, primeira produção contística de Piñon, publicado no ano de 1966. Da leitura dessa narrativa, tecemos uma análise sobre a representação feminina pelo viés do corpo e da sexualidade; campos frutíferos para investigar construções socialmente cristalizadas, relações de poder, entre outros elementos.

Palavras-chaves: Literatura. Nélide Piñon. Sexualidade. Violência.

Abstract: The present study seeks to problematize the woman's position and its oppressive effect in patriarchy through the social practices of Piñon's female character, in 'Os selvagens da terra', a short story published in the year of 1966, in the book titled *O tempo das frutas*, the author's first collection of short stories. Our reading of the narrative, leads us to an analysis of the construction of the feminine representation through the body and sexuality; valuable fields for socially crystallized constructions, power relations among other aspects.

Keywords: Literature. Nélide Piñon. Sexuality. Violence.

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

80

Considerações iniciais

Para repensarmos a questão sobre a representação do feminino, a investigação parte da ênfase sobre as relações entre literatura e momentos de ruptura social. O enfoque interdisciplinar nos é caro, pois possibilita a emergência da categoria analítica da diferença de gênero, e da voz dissonante da alteridade na investigação de representações identitárias; tanto em sua dimensão estética, como em sua proeminência política. A partir desses aspectos, o estudo busca repensar alguns papéis impostos à mulher pelo patriarcado e os efeitos dessa opressão através da representação do pensamento e das práticas sociais da personagem de Piñon, no conto “Os selvagens da terra”, publicado no livro *O tempo das frutas* (1997). A leitura dessa narrativa nos leva a uma análise da construção da representação feminina pelo viés do corpo e da sexualidade, uma vez que apresentam campos frutíferos para analisar construções socialmente cristalizadas.

No conto “Os selvagens da terra”, publicado em 1966, primeira produção contística de Nélide Piñon, uma mulher peregrina perambula por povoados e matas, seguindo, feito sombra, o personagem denominado de “o homem do cajado”. A trajetória dessa personagem nos é apresentada pelo ângulo de visão de um narrador onisciente que, aos poucos, vai revelando a rispidez do contexto ao qual tal mulher é submetida.

Repensando o feminino e a subversão de gênero

(Re)pensar o feminino ainda não é uma tarefa fácil, tendo em vista que o tema gera muita polêmica, contradições, aborda o aparato de imagens, mitos, construções arquetípicas, relações de poder que fomentam as diversas enunciações que o substantivo sugere. Pode-se dizer que, em um primeiro momento, há as concepções que foram atribuídas à mulher, as quais partem das ideias primitivas atreladas aos mitos, perpassando as ideologias religiosas e explicações biológicas, que atrelavam a sua existência a um único destino, e as concepções filosóficas, que respaldavam a (im)posição da mulher na organização social e econômica. Em um segundo momento, apresentam-se algumas situações que passam a atribuir novas representações e sentidos a sua existência. Esse momento decorreu do feminismo que, sem dúvida, não só marcou decisivamente a posição da mulher, mas também a fez ser ouvida como detentora de uma voz e de direitos.

Nesse sentido, torna-se relevante investigarmos como as práticas e discursos hegemônicos construíram socialmente o gênero feminino e como os movimentos sociais e discursos militantes buscaram diferentes formas de representação e intervenção política na esfera social.

Para iniciarmos a viagem investigativa de retorno ao que foi construído como representação do feminino, lembramos da análise de alguns mitos que figuram no livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. Ao longo do livro, há não só uma problematização da questão da mulher no decorrer dos tempos, mas questionamentos e posicionamentos que colocam em evidência como esses ‘saberes’ sobre o feminino foram construídos. O estudo da pensadora francesa busca compreender a posição de ‘segundo sexo’, que a mulher ocupa ou lhe fazem ocupar, e como, de certa forma, este olhar contribui para essa configuração social. Com o intuito de responder à pergunta “o que é ser mulher?”, explorada por Beauvoir, ou de desmitificar essas narrativas, enveredamos para a terceira parte do livro: “Os mitos”.

A autora inicia problematizando o mito da criação, que exprime a convicção do macho como o essencial e a mulher como o outro, o inessencial, presente na ‘lenda do Gênesis’ que, através do cristianismo, perpetuou-se na civilização ocidental. A percepção de que o nascimento de Eva não foi autônomo, pois não foi criada, ao mesmo tempo que Adão, nem com o mesmo barro, mas tirada de seu flanco, já alimenta e alicerça a posição menor da mulher.

Assim, na teologia cristã, Eva ganha uma conotação negativa, sobre ela recaem os atributos de traiçoeira, dissimulada, persuasiva, entre tantos outros. Sua criação está atrelada a uma falta sentida por Adão, ou, a uma ideia de que ela completa o vazio do homem e o preenche com atitudes que o afastam dos propósitos de Deus. A difusão desse mito e a sua influência para a hierarquização social dos sexos e das representações simbólicas por parte de um único sujeito, o masculino, resultam do discurso teológico androcêntrico que legitimou a ausência da mulher no centro da história patriarcal e da revelação bíblica.

Na percepção de Beauvoir, o homem vê-se como um ser de direito, inelutável; enquanto a mulher é um simples acidente, um bem-aventurado acidente. “Na mulher encarna-se positivamente a falta que o existente traz no coração, e é procurando alcançar-se através dela que o homem espera realizar-se” (BEAUVOIR, 2009, p. 210).

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

82

Em oposição ao mito de Eva, há o da Virgem Maria, a mulher que aceitou sua sorte sem contestação. Esse representa o mais elevado desenho do que o feminino deve ser: é a idealização deste, o exemplo da salvação, que terá de se submeter à excelência na sua vivência como mãe, esposa e filha. Ancorada em tal percepção, a literatura católica estabelece deveres religiosos ligados diretamente à sua condição de mulher. Suavidade, compaixão, amor maternal formam parte das virtudes inatas do seu sexo.

Beauvoir afirma ainda que não há mito mais enraizado no coração masculino do que o do mistério feminino; nesse sentido, o homem enxerga numerosas vantagens na mulher. Ao invés de admitir sua ignorância em relação a ela, ele acolhe um mistério, algo fora de seu domínio e do dela, pois admitir que o mistério envolve a mulher é dizer que sua linguagem existe, porém não é compreendida. Negando-a, e enxergando-a como ser “complicado” ele se afirma como transcendente e sutilmente a impele para o mito da feminilidade. O mito da feminilidade é usado na tentativa de estereotipar o comportamento da mulher.

Os arquétipos femininos produzidos pelo imaginário mítico estão submersos no inconsciente coletivo, no qual essas narrativas ganham força ao interferirem na produção de conhecimento e nas relações sociais de gênero. A respeito dessa colocação, Schmidt, no texto “O fim da inocência: das medusas de ontem e de hoje”, publicado em 2006, na revista *Signo*, parte de premissas sobre a produção do conhecimento como resultado de um processo interpretativo. Partindo desse pressuposto, a autora lança uma pergunta muito pertinente à construção da sua argumentação que visa a responder a esta pergunta: que relações há entre a produção do conhecimento no Ocidente e as construções de gênero, ou seja, como certas definições sobre a natureza do ser masculino e do ser feminino, geradas nos sistemas narrativo e conceitual do mito e da filosofia, alcançaram o estatuto de norma simbólica no imaginário cultural e alavancaram práticas sociais hegemônicas que ainda definem nossa sociedade como uma sociedade patriarcal?

Nesse sentido, é esclarecedor refletir sobre o que conhecemos e a forma de obtenção desse conhecimento, o que seria uma forma de pensar como somos e quem somos. Pensar nisso significa colocar em questão a autoridade do sujeito privilegiado do conhecimento que é o sujeito masculino. Em outras palavras, colocar-se na margem como lugar epistêmico significa desafiar as concepções de conhecimento e de realidade que têm

dominado a tradição intelectual ocidental – particularmente as premissas epistemológicas às quais corresponde uma ontologia dualista, que separa radicalmente o universal do particular, a cultura da natureza, a mente do corpo, a razão da emoção – o que constitui uma moldura bastante familiar para a compreensão/interpretação da diferença de gênero. A ação de saber o que “representamos” para uma sociedade de cunho patriarcal já nos leva a uma postura de questionamento dessa representação, pois sabemos contra quais discursos hegemônicos temos de lutar.

Para Schmidt (2006), no que diz respeito às relações hierárquicas e dualistas de gênero que encontramos no mito, este não fez mais do que dar continuidade à representação do sujeito masculino, agregando a ele a autoridade epistêmica, definida como exercício da vontade que disciplina os atos de assentimento de um indivíduo, particularmente, a abstenção de assentir a qualquer coisa que não seja percebida com distinção e clareza. O discurso filosófico constitui uma, dentre as várias formas de conhecimento/controle, que condicionou o pensamento sobre as diferenças de gênero no campo cultural.

É importante ressaltar a concepção de Lauretis (1994) sobre o gênero como sendo uma representação, o que não significa que não tenha implicações concretas, tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas. A teórica acrescenta que a construção do gênero é tanto o produto, quanto o processo de sua representação; logo, a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução. Assim, as mesmas narrativas míticas que constroem o gênero feminino têm, em si, o germe que possibilita sua desconstrução. Isso se evidencia na abordagem crítica que Beauvoir (2009) faz dos mitos, pois, ao colocar em evidência tais construções, ela já o faz desconstruindo essas representações.

Desse modo, acreditamos que a literatura de autoria feminina, como escrita de resistência das mulheres, que representa as relações binárias de gênero estruturadoras e fomentadoras das bases do patriarcado, ganha força e expressividade com o advento do feminismo, pois as reivindicações feministas abriram novas possibilidades para pensar as práticas culturais atuantes.

Por muito tempo, as mulheres foram representadas pelo discurso masculino na literatura, na filosofia, na biologia, na história e demais áreas do saber, e essas representações ganharam *status* de verdade a respeito do gênero. Mas algumas dessas mulheres, fugindo do enclausuramento doméstico que lhes era imposto, buscaram inserir-se no âmbito social,

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

84

que era, por excelência, o espaço reservado ao homem. A maneira de que dispuseram para isso foi primeiramente a escolarização. O conhecimento arraigou a consciência da (im)posição de seu lugar no construto social.

As reivindicações concebidas pelo movimento feminista aspiram à liberdade e ao direito de autonomia das mulheres, mas aspiram também a uma relação mais democrática entre homens e mulheres. Com base nos estudos que investigam a problematização da situação das mulheres e questionam a matriz binária de origem patriarcal, criou-se um termo flexível e analítico que se contrapõe à estrutura pautada no caráter biológico. Desde então, o vocábulo “gênero” popularizou-se e tornou-se uma categoria útil de análise nos debates acadêmicos.

Essa categoria ganhou destaque no texto “*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*”, da estudiosa norte-americana Joan Scott (1990) – uma importante investigação que instaura uma categoria analítica que alarga a compreensão do sujeito feminino. É também uma nova mirada sobre as relações que se estabelecem entre os gêneros. Nesse estudo, a autora comenta que:

[...] gênero parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir na qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade (SCOTT, 1990, p. 72).

Joan Scott (1990) discute as diferenças existentes entre sexo e gênero, ancorando-se em duas premissas. Primeiramente, não se deve falar em gênero sem considerar a estrutura binária que abrange a relação masculina e feminina. Em segundo lugar, gênero é uma das primeiras formas de atribuir significado às relações de poder. Por meio de inúmeros debates e de uma análise crítica a respeito das questões igualitárias e das diferenças entre os sexos, surgiram novos pontos de vista que indagaram a construção social da relação homem/mulher, visando à busca da identidade de gênero.

Uma contribuição importante para compreender os caminhos e desdobramentos das teorias feministas encontra-se no livro *Problemas de gênero: o feminismo e a subversão da identidade* (2015), de Judith Butler.

Nessa obra, Butler desconstrói algumas concepções de sexo e gênero apresentadas por alguns teóricos e, nesse sentido, afirma, que se sexo é ele próprio uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como uma interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado em um sexo previamente dado (uma concepção jurídica), mas tem de designar também o aparato de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é um meio discursivo-cultural pelo qual a natureza sexuada ou o sexo natural é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície neutra sobre a qual age a cultura.

Nesse sentido, Butler desconstrói a concepção de sexo como um dado natural do gênero e, ao fazer a distinção, ela apresenta um questionamento que direciona o olhar não mais para a origem dessas categorias, mas para os efeitos de poder que muitas instituições definidoras exercem sobre elas.

Butler ainda afirma que, como genealogia da ontologia do gênero, sua investigação busca compreender a produção discursiva da plausibilidade da relação binária que contrapõe como opostos o “real” e o “autêntico” e sugerir que certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do “real”, consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem-sucedida.

Para Joan Scott (1990), a definição de gênero baseia-se em duas proposições. Na primeira, “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1990, p. 86), e na segunda, o gênero é “[...] forma primária de dar significados às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 86). Essa relação entre o gênero e as relações sociais, segundo a autora, implica perceber como os símbolos culturais circulam, em que contextos as “[...] representações simbólicas são invocadas” (SCOTT, 1990, p. 86), para, com isso, compreender como os significados são historicamente construídos e impostos em um determinado contexto, em sua inevitável relação com o poder. Scott desnaturaliza as diferenças biológicas entre os sexos e afirma a necessidade de se pensar as categorizações que envolvem a definição do que é ser homem e do que é ser mulher como instâncias instáveis e inacabadas, que se modificam conforme o contexto e a cultura em que estão inseridos.

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

86

Segundo essa autora, a ideia de gênero articula-se a um aparato de construção cultural e histórica sobre o masculino e o feminino, assim como a posição que homens e mulheres ocupam em determinada cultura. Diante disso, o processo de inversão e desconstrução torna-se necessário quando teorizamos sobre gênero, pois, culturalmente, foi imposta à mulher uma “normatização” nos papéis sociais, como uma espécie de disciplinamento, que precisa ser desfeita a fim de que o sujeito possa agir efetivamente no meio social. A construção do gênero também se realiza por meio da desconstrução.

Para pensar criticamente sobre a problemática dos gêneros, é necessário “[...] explodir essa noção de fixidez, em descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência intemporal na representação binária do gênero” (SCOTT, 1990, p. 87). Por esse motivo, é relevante considerar o contexto em que estão inseridas determinadas noções sobre o homem e a mulher. Ao conceituarmos o termo “gênero”, não devemos restringi-lo apenas às categorias imutáveis: homens e mulheres, mas entender que esse termo se constitui por meio de relações subjetivas, sociais e políticas. É preciso entender que os indivíduos não são portadores de identidades e posições sociais fixas, uma vez que, assim como a sociedade, vivemos em constantes transformações. Desse modo, acredita-se que o gênero se constitui como forma de notar e de dar expressividade a essas mudanças, pois é no seio social que essas relações tornam-se possíveis.

Para Lauretis (1994), a construção do gênero ocorre por meio das várias tecnologias do gênero e discursos institucionais com poder de controlar o campo do significado social e, assim, produzir, promover e implantar representações de gênero. Porém, a estudiosa acrescenta que a desconstrução do gênero leva inevitavelmente a sua (re)construção e lança uma pergunta muito pertinente à nossa investigação: em que termos e interesses está sendo feita essa des-reconstrução? A partir do presente questionamento, inferimos a necessidade de pensarmos como se dá desconstrução ou (re)construção do gênero pela ótica feminina. Nesse sentido, Lauretis argumenta que é necessário criar novos espaços de discurso, reescrever as narrativas culturais, definir os termos de outra perspectiva e expor uma visão de ‘outro lugar’. Este não é um distante mítico passado nem uma história de um futuro utópico, mas o lugar do discurso, os pontos cegos ou o *space off* de suas representações, ou seja, os espaços nas margens dos discursos hegemônicos.

A pesquisadora feminista ainda assevera que os termos necessários para uma construção diferente do gênero são propostos de fora do contrato social heterossexual e inscritos nas micropolíticas, forjados nas resistências diárias, nos agenciamentos e fontes de poder, na autorrepresentação, nas produções culturais das mulheres feministas, que inscrevem o movimento dentro e fora da ideologia. Ao referir sobre o movimento que o sujeito do feminismo realiza entre o espaço discursivo hegemônico e o outro lugar, ou seja, o *space off*, a autora o percebe nos seguintes termos:

Mas o movimento para dentro e fora do gênero como representação ideológica, que, conforme proponho, caracteriza o sujeito do feminismo, é um movimento de vaivém entre a representação do gênero (dentro de seu referencial androcêntrico) e o que essa representação exclui, ou, mais exatamente, torna irrepresentável. É um movimento entre o espaço discursivo (representado) das posições proporcionadas pelos discursos hegemônicos e o *space off*, o outro lugar, desses discursos: esses outros espaços tanto sociais quanto discursivos, que existem, já que as práticas feministas os (re)construíram, nas margens (ou “nas entrelinhas”, ou ao revés”), dos discursos hegemônicos e nos interstícios das instituições, nas contrapráticas e novas formas de comunidade. Esses dois tipos não se opõem um ao outro, nem se seguem numa corrente de significação, mas coexistem concorrentemente e em contradição. O movimento entre eles, portanto, não é o de uma dialética, integração, combinatória, ou o da *différance*, mas sim a tensão da contradição, da multiplicidade, da heteronomia (1994, p. 238).

Lauretis (1994) afirma que nesse “vaivém” encontra-se o sujeito do feminismo, e que as novas narrativas sobre o “outro lugar” se cruzam com as narrativas de espaços hegemônicos. Para a autora, habitar dois espaços implica uma tensão contraditória, mas é a condição do feminismo “aqui e agora” que se afirma em duas direções: a contradição da negatividade crítica de sua teoria e a positividade afirmativa de sua política, ou seja, essa é tanto a condição histórica da existência do feminismo, quanto a condição teórica de novas narrativas. Para Lauretis, é nesse espaço que se engendra o sujeito do feminismo. Assim, a partir de

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

88

um olhar acurado para a trajetória do feminismo no Brasil, é possível perceber que essa produção foi sendo construída nesse “vaivém”; em alguns momentos dentro da estrutura existente, a partir de decisões institucionais e, outras vezes, no *space off* do discurso hegemônico.

Levando em consideração a concepção de Lauretis (1994) ao dizer que o gênero é produto de diferentes tecnologias sociais, podemos afirmar que o discurso simbólico androcêntrico que produz e legitima as desigualdades de gênero e as hierarquias de poder é passível de transformação pelos discursos à margem dos hegemônicos, situados nas microrrelações políticas e tecnológicas. Essas vão penetrando nas estruturas e desconstruindo os significados das imagens e dos mitos que justificaram determinadas representações de gênero. Isso mostra que, no dinamismo da história, o sujeito pode refazer constantemente a sua experiência por meio de iniciativas reflexivas e do engajamento na realidade social. Essa dinâmica nos permite compreender que, no contexto da contemporaneidade, o gênero não é somente produto de representações sociais discursivas, mas também da autorrepresentação, ou seja, da maneira como o sujeito se constrói a partir de sua experiência e da produção de novas narrativas, como bem assinala Teresa de Lauretis.

Constatamos, a partir das teorias aqui expostas, que, mesmo entendendo o gênero como uma construção social, é nas brechas dos discursos e práticas hegemônicas que o sujeito feminista desconstrói a cultura dominante e se reconstrói como sujeito. Logo, torna-se pertinente pensar a mulher a partir da assertiva de Beauvoir (2009) de que ninguém nasce mulher e sim se torna mulher, porque mulher é um termo em processo, um devir, um construir do qual não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Enquanto uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações.

A partir disso, sempre é relevante reexaminar os escritos de autoria feminina como expressão de resistência política em contraposição às formas de relação assimétrica de poder. Historicamente, como é sabido, os estudos feministas começam a se desenvolver concomitantemente às lutas pelos direitos civis, na efervescência política e cultural dos anos 1960 e 1970, reforçando, assim, a relação entre pesquisa e prática. Com relação à literatura, o feminismo propiciou o surgimento da crítica literária feminista, que investiga a forma pela qual a mulher é representada literariamente, com o intuito de questionar os padrões patriarcais e/ou identificar a construção de personagens.

A partir dos anos sessenta do século XX, conforme dados revelados pela estudiosa Nely Novaes Coelho, a produção literária da mulher é crescente. Esse fato caracteriza-se pela inegável emergência do diferente, da descoberta da alteridade, das vozes divergentes – muitas vezes sufocadas ou oprimidas pelo sistema de valores dominante. Não há dúvida de que o crescimento da produção literária de autoria feminina no Brasil traz alterações ao mundo herdado do passado. A produção literária feminina também constitui um dos lugares possíveis para acompanhar o processo de sua deshistorização e gradual arrancada política em direção à ruptura e à correção de valores arbitrários.

Resistência e transgressão em “Os Selvagens da Terra”, de Nélida Piñon

Sexualidade, corpo e dominação

A sexualidade é igualmente um tema profícuo para pensar as relações de poder implicadas na constituição do sujeito feminino. O livro *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (2001), de Guacira Lopes Louro, esclarece alguns aspectos a respeito dessa temática que são de total importância para o entendimento da relação entre os personagens. Este estudo coloca em evidência o corpo e a sexualidade, não como questões pessoais, mas compreendidos como produções históricas. Nesse sentido, apropriamo-nos da pertinente afirmação de Louro de que as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente, renovadamente reguladas, condenadas ou negadas.

Essa concepção de sexualidade contraria aquelas que a veem como algo que homens e mulheres possuem naturalmente, ou seja, inerente ao ser humano, vivida pelos corpos de uma maneira universal, pois ela está mais ligada a processos culturais. A autora argumenta que, “através de processos culturais, definimos o que é ou não natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas” (LOURO, 2001, p. 11). Entendemos que a inscrição dos gêneros feminino ou masculino nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas desta. Louro ainda acrescenta que as identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas por relações sociais, são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Nesse sentido, pensar a sexualidade torna-se bastante problemático, uma vez que, apesar de parecer um assunto privado e individual, esse tema remete a uma coletividade que a constrói e desconstrói continuamente, ou seja, uma invenção social que se constitui a partir de múltiplos

89

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

90

discursos. Baseado em tal entendimento, é possível pensar a sexualidade não mais como um dado natural, universal a todos os seres humanos, mas como uma construção social carregada de historicidade, constituída simbólica e culturalmente, mediada pelas linhas de força do poder, conforme sugere Foucault no texto *Microfísica do poder* (1979). Portanto, acreditamos ser pertinente investigar os efeitos das linhas de força de poder sobre a sexualidade da personagem feminina, uma vez que apresentam um campo frutífero para analisar construções socialmente cristalizadas.

Compreendemos a violência simbólica e a dominação masculina a partir do estudo de Pierre Bourdieu (2005). Para o autor, a dominação masculina é um processo de construção social contra as mulheres e uma forma de violência física, moral e psicológica que se reproduz ao longo da história da humanidade. A base da violência simbólica está nas estruturas (sociedade, família, escola e igreja) que a produzem e a mantêm viva, as quais defendem o papel do homem como superior.

Desse modo, inúmeras vezes observa-se que a dominação masculina encontra, na sociedade, as condições para que haja a sua disseminação, visto que algumas mulheres se posicionam como dependentes e submissas aos homens, tanto no que se refere ao plano econômico, social e cultural, quanto à diferença de gênero, e a sociedade favorece para que isso não seja erradicado, reproduzindo essa dissimetria. Assim, conclui Bourdieu:

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanescentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, [...] elas funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais e históricos (BOURDIEU, 2005, p. 45).

A indisciplina do corpo

Em “Os selvagens da terra”, Piñon, por meio da voz narrativa, faz-nos trilhar os caminhos de agruras que a silenciosa peregrina segue, e mais, revela as feridas não só das duras penitências de um caminho trilhado à margem, mas talvez da pior delas: a da animalização e do-

minação de seu corpo. Porém, no decorrer da narrativa, a representação da protagonista ganha novos traços e nos proporciona gratas surpresas. O conto inicia com a descrição dos personagens. Convém ressaltar que, tratando-se de uma narrativa de Piñon, é preciso olhar minuciosamente tais descrições, pois a escolha de cada vocábulo, de cada figura de linguagem, é imprescindível para a construção imagética acerca desses personagens. Outro aspecto da estrutura narrativa a ser observado é a construção de frases curtas, intercaladas entre descrições dos personagens (muitas vezes associadas à natureza), ações e pensamentos – ora dos personagens, ora do narrador – que nos conduzem à árdua tarefa de construir e desconstruir constantemente nossas interpretações. Partimos, então, desta primeira descrição dos personagens para tentarmos compreender como se dá a representação da protagonista construída por Piñon:

Resistência e transgressão em “Os Selvagens da Terra”, de Nélide Piñon

91

Atrás do homem ela andava, atrás do homem do cajado. A barba voava perturbada pelo vento, tão cristalina a força do olhar derubando árvores, entrando ventre adentro, ao menos assim ela o exigia. Seguia seus passos, e rezava suas rezas. Eram as palavras da sua carne, as daquele homem, e as bendizia, a seu Deus, sempre que O exortava através do homem (PIÑON, 1997, p. 47).

A leitura desse primeiro parágrafo deixa clara uma relação desigual entre o casal, reproduzindo um modelo baseado em uma estrutura binária, pois a mulher é o estereótipo da submissão, da invisibilidade e do silenciamento, e o homem é a força, a palavra, o caminho. Pelo olhar do narrador, essa mulher dependente é incapaz de trilhar seus próprios caminhos, segue o destino que o homem lhe determina. O estado de subserviência da mulher torna-se evidente, no conto, em virtude da repetição do advérbio “atrás”. Além da posição de sombra, há também uma assimilação do discurso masculino tomado como ‘seu’, ou seja, a mulher aceita e crê nas palavras do homem sem questioná-las.

A mulher segue a figura masculina, e é a única pessoa que o acompanha em suas andanças pelo mundo. Em meio à precariedade dessa vida errante, o homem percebe a presença da mulher: “comendo batata cozida nas brasas, esmagava-as com os dedos, e desde que intenso observara a mulher, nunca mais ofertou-lhe o mesmo olhar. Sabia-se

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

92

seguido, e bastava-lhe a certeza” (PIÑON, 1997, p. 47). Nesse trecho, fica explícito o sentimento de assertividade do homem, o qual está seguro de que a mulher sempre o acompanhará, independentemente do tratamento que lhe dispuser.

A mulher emudecida apenas acompanha o homem do cajado em cada cidade por onde passa. Este reúne multidões que, ajoelhadas e inebriadas por sua expressão, são induzidas à mata, pois, de outro jeito, a devoção não se impunha. Essa figura mística apresenta-se quase nua, os escassos panos cobrem apenas o sexo e deixam à mostra as marcas do autoflagelo aplicado perante os olhos assombrados do povo. Enquanto o homem é um ser venerado por seus sacrifícios, rezas e exortações, a mulher, como que afásica, o acompanha: “só a mulher sabia que haveria de acompanhá-lo porque só ele também sabia que ela tinha amor para segui-lo” (PIÑON, 1997, p. 47).

Dentre tantos sacrifícios, também é o amor que a faz seguir nessa convivência onde a protagonista, como uma penitente, assim demonstra seu amor:

À noite, sem exageros o homem acendia a lareira, os galhos crepitavam, e aquela brevidade aquecia o homem. Embora a mulher pudesse imitá-lo, como estava ia se aguentando, sentindo frio, tremendo, o corpo contra a terra batida, seu único consolo olhá-lo de quando em vez, como se a fome e o seu frio o protegessem (PIÑON, 1997, p. 48).

No conto, a comunicação entre eles é de natureza mais física, articulando-se por meio dos atos do homem associados à virilidade, brutalidade, rudeza, os quais transmitem uma força, mesmo que não haja fala. Assim, essa relação só ocorre porque há um forte vínculo sentimental que une a protagonista a este homem.

Com o passar do tempo, o homem e suas rezas já estavam a atingir a transparência, então a mulher, acompanhando-o em sua miséria, passa a imitar também seus gestos. O comportamento da personagem feminina pode ser associado ao que Elódia Xavier denomina de corpo disciplinado, tipologia da representação do corpo que ela desenvolve no livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007). Para compor essa definição, a autora apropria-se das teorias de Foucault, principalmente a proposição de “corpos dóceis”, em *Vigiar e punir*, e violência

simbólica de Pierre Bourdieu, desenvolvida em *A dominação masculina*, para complementar as ideias de Arthur Frank. Conforme Xavier, o corpo disciplinado tem como característica a carência e a subordinação a disciplinas advindas de um controle/poder que é exercido diretamente sobre esse corpo. A disciplina internalizada pela protagonista é resultado da violência simbólica exercida pelo companheiro.

Até esse momento da narrativa, fica visível que a mulher, vítima dessa violência, aceita com naturalidade a opressão que sofre. Então, o homem, extenuado com a inapetência da mulher, diz: “– Agora que conheceste a miséria, partilharei contigo o meu corpo” (PIÑON, 1997, p. 48). Entendemos o comportamento penitente da mulher como uma espécie de purificação; só quando ela submerge ao extremo da miséria que é recompensada com o direito de compartilhar o corpo do companheiro. Após essa declaração do peregrino, o narrador, com extrema perspicácia vocabular, desenha-nos a cena que segue:

Olharam-se longamente, que nem o homem agitava-se para *pos-suí-la* de imediato, *executar* apressado o que contivera por tanto tempo, nem a mulher tremia no corpo a esperança de vir sentir o prazer necessário. Mas, ele, que de cidade em cidade vivera de rezas, a sua exibição percorria os corações dos homens imaginou muita luta para que a mulher viesse a compreender o que juntos haveriam de fazer. Disfarçava sobretudo a raiva que já o dominava pela *conquista* que breve se instalava. Passando a depender de toda conquista para caminhada futura. E aquela era uma *espécie* que sua sabedoria teimava em deixar para trás, porque sendo a mulher o *bicho* a que se acostumara pela constância de vê-lo, a tal ponto o acompanhara – intensidade que se convertera em desejo, e o cheiro que o corpo da mulher exalava era o mesmo que dominava o seu corpo, surgindo a dependência, a revelação de uma pele que o insultava vigorosa – era então este bicho imundo que o analisava (PIÑON, 1997, p. 48, grifos nossos).

É interessante observar que o comportamento do protagonista está alicerçado em uma concepção dualista; a mulher é associada ao corpo, e ele à mente. Assim, para o homem, a mulher é um bicho a ser possuído, um ser de uma espécie irracional que se opõe a sua sabedoria; por este motivo, ele trava um embate interno contra seus instintos

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

94

sexuais. A respeito desse dualismo, argumenta Xavier (2007) que, além da oposição macho/fêmea corresponder ao dualismo mente/corpo, a corporalidade feminina, considerada mais frágil e vulnerável, é usada para justificar as desigualdades de gênero. A vinculação da feminilidade ao corpo e da masculinidade à mente restringe o campo de ação das mulheres, que acabam confinadas às exigências biológicas da reprodução e os homens ao campo do conhecimento e saber.

É importante ressaltar que, para o protagonista, o desejo sexual tem uma conotação profana e demoníaca, pois ele, que, de certa forma, buscava a santidade por meio dos martírios infligidos a seu corpo, sentia-se prestes a ceder à tentação feminina. Tal perspectiva é reiterada no decorrer da narrativa e aponta para resquícios de uma visão cristã balizada pelo livro de Gênesis e, portanto, associada à figura de Eva, a primeira mulher que habitou a Terra. No fragmento da narrativa citado anteriormente, destacamos as palavras que sustentam uma visão machista e dominadora do homem sobre a mulher, uma vez que o desejo sexual é associado à animalização do corpo feminino e, consequentemente, à posse deste. A respeito da mulher, nessa longa passagem, sabemos apenas que analisava o homem e não demonstrava nenhum indício de expectativa em sentir o prazer necessário.

O longo olhar que trocam, momento no qual os dois se examinam, a mulher é vista pelo homem, como um animal selvagem, pronto para ser adestrado. A interpretação desse desejo de dominação nos remete novamente ao livro de Gênesis, mais precisamente ao capítulo em que Deus concede a Adão o direito de dominar todo animal que se move na terra¹. Dessa forma, entendemos que, nesse momento da narrativa, o protagonista reivindica esse direito. Assim, a dominação inicia pelas vias da violência física, da humilhação, da demonstração de força e de poder sobre aquele corpo:

Perplexo, dispôs-se a torná-lo seu, reduzi-lo às proporções da violência. *Segurou-a enérgico pelo pulso, tombando-a ao chão, rasgou seus trajes velhos e salpicados de lama, tomou de suas cordas, e, delicado a princípio batia-lhe, até depender de concentração mais precisa para domesticá-la* (PIÑON, 1997, p. 49, grifos nossos).

¹ E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que se move sobre a terra (Gênesis, capítulo 1, versículo 28). Bíblia traduzida em português por João Ferreira de Almeida, 8ª edição, 2007.

A violência simbólica, exercida sobre a mulher até esse ponto da narrativa, passa agora para a violência física. As palavras destacadas nesse fragmento compõem o cenário coercitivo e brutal ao qual a personagem feminina é submetida. Aqui não é apenas a violência física a subjugar a mulher, mas também a psicológica, ou seja, a humilhação, a degradação de seu corpo. Essa passagem evidencia o extremo da dominação masculina. A respeito da subordinação corporal feminina, Bourdieu salienta:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está constituída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BOURDIEU, 2005, p. 31).

O sujeito masculino tenta possuir de forma animalesca o corpo da mulher, regido pelo instinto, em uma dominação violenta de um corpo que acredita estar subjogado ao seu. O narrador assim descreve a cena:

Compreendendo a ostentação de uma natureza, a mulher aceitava. Castigou-a até que o sangue escorresse pelas costas. Ajoelhou-se ele então atrás da mulher, também ajoelhada, sem que se vissem, as pernas do homem acompanhando as pernas da mulher. Passou a língua entre as feridas, o sangue com seu paladar metálico e adormecido entrando em sua boca, como se o apreciasse, e ali começasse o prazer. Lambia a pele da mulher, mal suportando a violência da própria língua no seu trabalho de escavação, o rosto inundava-se de vermelho.

Agarrou seus seios por trás, com tanta firmeza que a mulher gritava, articulando sons estranhos, mal definidos. Modificou então a sua técnica. Delicado agora acariciava-os, embora retido em suas superfícies, tal minúcia desenvolvia que parecia furar sua aparência e mergulhar nos seus coágulos sanguíneos (PIÑON, 1997, p. 49).

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

96

A leitura desse fragmento, assim como dos demais, que revelam a tentativa de controle (adestramento) do corpo da mulher, nos causa um imenso desconforto devido à intensidade narrativa e o horror que ela sugere. A mulher, sentindo-se impotente naquele momento, permite que o sádico peregrino a castigue. Entretanto, as cenas que seguem insinuam uma nova direção:

A mulher foi abrindo as pernas como se elas fossem patas. De um animal perturbado, abrindo-se para a frente – que também é sua forma de ejacular, para a liberdade do vento que se introduzia pelo seu sexo confuso e solitário, como um imenso refrigério; escorregava a mulher lenta e poderosa, ao homem impondo a obrigação de restaurar movimentos inéditos para que chegasse finalmente a contemplar o espetáculo ardente e transbordante de suas pernas rasgadas para a vida (PIÑON, 1997, p. 49).

Observamos, aos poucos, que a domesticação feminina não ocorre efetivamente, uma vez que a violência infligida à mulher/animal não tem o efeito esperado pelo homem; pelo contrário, perturbada, ela passa a dominar a relação sexual, impondo ao homem empreender novos movimentos para desfrutar o calor daquele corpo. Fica evidente uma inversão das posições até então exploradas na narrativa, como podemos verificar no fragmento a seguir:

Gargalhando como animais em festa, cheirava o homem, fuçava-lhe o corpo, ele consentindo. [...] Ela era o bicho que lhe fora destinado² para a vida ingrata, que deslizava na terra e na pele, como se na pele e na terra fosse largando a sua esplêndida ovulação. Estava feia, e seu gozo múltiplo (PIÑON, 1997, p. 49-50).

Desse modo, Néida Piñon rompe com a representação de mulher-objeto “naturalmente” criada pela visão falocêntrica. A personagem liberta-se do poder/controlado que a tornava um corpo disciplinado e passa a ser um corpo liberado. Elódia Xavier define o corpo liberado como aquele capaz de aceitar a inconstância, isto é, a fluidez, a liberação de esquemas

² Referência bíblica à criação da mulher: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele” (Gênesis, capítulo 2, versículo 18).

predeterminados, coercitivos e repressores. Além da liberdade sexual adquirida, a mulher desfere as primeiras palavras na narrativa: “Agora chega” (PIÑON, 1997, p. 50). Tais palavras silenciam a voz masculina e provocam-lhe medo, pois a voz da mulher passa a imitar a sua.

A personagem feminina, ao apossar-se da palavra, ressignifica os papéis sociais masculinos e femininos. A atitude da mulher de inverter a posição sexual, aqui no sentido mais simbólico, leva o homem a uma reflexão da posição social de ambos, a partir daquele momento. Esse corpo está em processo de transformação e recriação do mundo do qual faz parte, assim como assevera Xavier a respeito do corpo liberado. Nesse sentido, a mulher rompe com o ostracismo e reivindica para si o direito de dizer, de ser ouvida e, conseqüentemente, de agir. O rosto do protagonista coberto de sangue reflete a imagem de um homem subjugado, que depende da existência da companheira para realizar seus prodígios, pois:

[...] a voz da mulher dominava o timbre do homem a ponto de imitá-la, ser a sua expressão, falava-lhe com a voz que o homem começava a perder. Embora não perdoasse, porque era incapaz de selecionar e ficar com os escombros, descobria na mulher a dureza que se necessita para dominar homens. Disse-lhe:
- Será que de hoje em diante dependerei de ti para executar meus milagres? (PIÑON, 1997, p. 50).

A representação triunfante da mulher, que imita o homem, o faz questionar-se a respeito dessa nova situação e do futuro que seguirão. Ademais, o protagonista observa que até mesmo as características físicas da companheira se sobressaem, uma vez que percebe, no vigor das “ancas” da mulher, uma virilidade talvez até superior à de seu próprio corpo. No entanto, o homem ainda tenta recuperar sua posição selvagem, então luta para libertar-se do domínio exercido por ela:

Pensou ele em levantar-se para receber a mulher com quem vai se deitar. Mas a exibição da sua necessidade passaria a ser o triunfo da mulher, e aquelas ancas vinham revestidas de carne e seu brilho, com uma agitação que ele haveria de dominar quando montasse sobre elas. Teve medo de descobrir que a força das ancas da mulher era mais intensa e viril que a virilidade que ali viesse pôr, naquele matagal de carne ferida.

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

98

A mulher ainda andava até chegar ao homem. O homem esticou-se, e sobre ele a mulher habitou, só por uns instantes, porque jogou-a longe, envergonhado e confuso. Soltando um grito, veio selvagem, a selvageria apreendida da mulher que até então comportara-se igual a bicho. Tomou-a sem uma palavra, rápido e eficiente, dispensando trabalhos que ornamentaram o corpo (PIÑON, 1997, p. 51).

Conforme se depreende desse excerto, o homem não quer ser o possuído, mas o possuidor. Reivindica sua posição de senhor absoluto da mulher, de seu discurso e da história conjugal protagonizada em suas andanças. O grito vigoroso que o homem solta corporifica o desejo de domínio do espaço supostamente perdido.

Bourdieu (2005) discute a questão ética da virilidade, associada à honra e inseparável da potência sexual. Observamos esse aspecto no comportamento do protagonista que insiste em afirmar a superioridade sexual masculina, pois colocar-se em uma posição simétrica com a mulher é destituir-se de sua honra. O autor aponta para a assimetria das práticas sexuais e para as representações dos dois sexos, relacionando-a com a dominação. Enquanto para os homens o ato sexual se reveste de caráter de conquista, de dominação, para as mulheres a sexualidade se apresenta como uma experiência íntima, revestida de afetividade.

Desta forma, Nélide Piñon, ao tematizar a sujeição à violação corporal da protagonista, revela os efeitos de uma cultura baseada no imaginário hierárquico da dominação masculina como um processo natural. Por essa razão, o protagonista sente-se inseguro quando essa ordem é invertida. A perda do domínio sobre a mulher faz com que ele se sinta envergonhado e confuso. E, mesmo quando a toma com selvageria, diz que aprendeu esse comportamento com a mulher. Essa inversão das construções atribuídas aos gêneros masculino e feminino rompe com o dualismo natureza / cultura.

Em suas discussões sobre gênero, diversas autoras têm buscado explicações sobre as desigualdades existentes entre homens e mulheres. Uma das justificativas encontra-se na dicotomia estabelecida entre natureza e cultura. Conforme Butler (2015), a relação binária entre cultura e natureza agencia uma relação de hierarquia em que a cultura “impõe” livremente significado à natureza, transformando-a num Outro a ser apropriado para seu uso ilimitado, salvaguardando a idealidade do significante e a estrutura

de significação conforme o modelo de dominação. Butler ainda acrescenta que, na dialética existencial da misoginia, trata-se de mais um exemplo em que a razão e a mente são associadas com masculinidade e ação, ao passo que corpo e natureza são considerados como a facticidade muda do feminino à espera de significação a partir de um masculino.

Em “Os selvagens da terra”, Nélide Piñon questiona essa lógica ao associar o homem à natureza em função do seu instinto e comportamento animalesco; ao mesmo tempo, ela mostra, na narrativa, que o homem busca sua significação a partir do feminino.

Ao final da narrativa, não vemos mais a protagonista como sombra do homem, mas, sim, um casal menos agressivo e mais próximo um do outro. Juntos inventariam rezas e milagres, pois, ao atingirem “a vida proibida”, sucumbindo ao desejo selvagem da carne, o homem acaba perdendo a sua divindade. Constatamos mais uma vez a reiteração do diálogo com o livro de Gênesis. A perspectiva cristã, presente nesse livro, vê a sexualidade feminina como o primeiro pecado, que levou o homem à tentação e, portanto, à perda do paraíso. Para Marilena Chauí (1984), perder o paraíso é tornar-se mortal, separar-se de Deus e conhecer a dor (lavrar a terra estéril, parir no sofrimento), a morte, a carência e a falta. Distanciar-se para sempre de Deus é um rebaixamento real, do qual a descoberta do sexo como vergonha e dor futura é o momento privilegiado. Com o pecado original, os humanos descobrem o que é possuir um corpo. Corporeidade significa carência (necessidade de outra coisa para viver), desejo (necessidade de outrem para viver), mortalidade, e, portanto, não possuir atributos divinos: eternidade, infinitude, incorporeidade, autossuficiência e plenitude.

Dessa forma, a protagonista, assim como Eva, seduz o homem ao pecado/sabedoria e, a partir desse momento, assim como na Bíblia, percebem sua nudez, mas não se sentem envergonhados, ao contrário:

Após atingirem a vida proibida, teimosos fugiram para o rio. Pela primeira vez em muito tempo, nus e cristalinos, mergulhavam na vivacidade das águas a exuberância dos corpos. Lavavam-se e se punham limpos. Cada qual então sentou na sua árvore e olharam-se, como se tivessem clareado mais do que os corpos, o mistério que os arrebatava, e que lhes permitia a interpretação das coisas naturais, circunspectas, raras (PIÑON, 1997, p. 50).

*Resistência e
transgressão
em “Os
Selvagens da
Terra”, de
Nélide Piñon*

99

Dileane
Fagundes de
Oliveira

Vera Lucia
Lenz Vianna
da Silva

100

A descoberta da nudez e da sexualidade feminina permite uma desnaturalização do discurso masculinista forjado pelos princípios cristãos, pois tal descoberta leva os personagens à interpretação do mundo, não apenas pela ótica masculina, mas pela simetria dos gêneros, pois, juntos, animais selvagens, detentores da palavra, seguirão a peregrinação. O desfecho revela uma simetria entre o casal, pois os estereótipos ligados aos gêneros são desconstruídos.

Considerações finais

É interessante ressaltar que a representação feminina que depreendemos dessa narrativa, percorre uma trajetória que passa de um corpo disciplinado a um habitus e a um corpo liberado, rompendo, assim, com a dominação masculina e, por conseguinte, com o binarismo: mulher associada à natureza e o homem à cultura. Em face dessas considerações, é imperiosa a constatação de que a personagem construída por Nélide Piñon, e desnudada aos olhos do leitor pelo narrador onisciente, conquista (no presente) uma condição mais igualitária nessa relação.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: o feminismo e a subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 26. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PIÑON, Nélida. Os selvagens da terra. In: PIÑON, Nélida. **Tempo das frutas**. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 47-51.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **O fim da inocência: das medusas de ontem e de hoje**. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/443/296>>. Acesso em: 10 de out. 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B1cHNDJbqFSwW2blFLWEISOG16MmdwU05mNEFNUQ/edit?pli=1>>. Acesso em: set. de 2015.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

Resistência e transgressão em “Os Selvagens da Terra”, de Nélida Piñon

101

